

## A Inveja também pode ser Boa e Criativa<sup>1</sup>

Carlos Amadeu Botelho Byington<sup>2</sup>

A patologização maciça do desenvolvimento psicológico normal é uma das grandes deformações da cultura de consumo. Tudo o que frustra ou dói é considerado anormal. O culto da satisfação do prazer imediato, potencializado extraordinariamente pela propaganda, equacionou a frustração com o descartável e considerou o sofrimento o inimigo número um da vida. Com esse bombardeio ideológico através da mídia, o *marketing* alimenta perversamente o desejo. As vendas se multiplicam, mas os valores morais se enfraquecem, aumentando a corrupção e o crime.

Denunciando a ideologia consumista da satisfação imediata, podemos dizer que o desenvolvimento do caráter se faz pela convivência com exemplos edificantes e pelo aprendizado de resistir à frustração. Melhor do que impor regras e proibições na educação, a formação moral dos limites se faz mais produtivamente quando premiamos o jovem que enfrenta suas frustrações e lhe negamos o acolhimento e a aprovação quando ele não o faz. Nesse sentido, o prêmio independente da *performance* e, acima de tudo, o mimo, que é o agrado que consola a frustração e impede enfrentá-la, são os principais fatores na deformação do caráter.

A cultura de consumo veio exacerbar uma tendência natural humana de evitar a dor e o desprazer. De fato, desde sempre, vimos com desconfiança e preconceito muitas funções psicológicas que alteram nosso bem-estar. Ciúme, desapego, vergonha, agressividade, doença, competição, medo, inveja, tristeza, sofrimento, vingança e até mesmo o amor e a morte. Cada função nos desestabiliza de uma determinada maneira e, por isso, em cada cultura essas funções são cercadas de estereótipos e preconceitos que as estigmatizam como boas ou más. No entanto, independentemente de serem agradáveis ou desagradáveis, todas as funções psíquicas são **funções estruturantes** que formam e

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na revista *Psique Ciência & Vida* nº 3, Ed. Escala, Outubro, 2005.

<sup>2</sup> Médico Psiquiatra e Analista Junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Educador, historiador e criador da Psicologia Simbólica Junguiana.  
e-mail: [c.byington@uol.com.br](mailto:c.byington@uol.com.br) site: [www.carlosbyington.com.br](http://www.carlosbyington.com.br)

transformam nossa Consciência. Do mesmo modo, todos os significados dos acontecimentos são **símbolos estruturantes** que aumentam o nosso conhecimento da vida. Por isso, dizemos que a vida, ainda que possa ser cruel, é, no final das contas, a melhor escola para quem quer conhecer as pessoas e a si mesmo. Não é necessário ser budista para se aprender com um grande mestre oriental. Siddharta Gautama completara 30 anos e não conhecia nem a doença, nem a velhice e, muito menos, a morte. Era príncipe, e seu pai o superprotegia de todas as maneiras. Uma noite, saiu da corte disfarçado e presenciou essas três grandes formas do sofrimento humano. A partir dessa experiência, despojou-se de sua nobreza e se tornou um peregrino em busca de uma verdade maior, que o levou a se tornar Buddha. Se perguntamos a nossos amigos e a nós mesmos o que foi que mais nos ensinou a realidade da vida, freqüentemente vemos que os momentos mais sofridos foram, sem dúvida, os que mais nos ensinaram. Isto não quer dizer que todos tenhamos que ser monges mendicantes, apesar de essa ter sido a opção de Siddharta Gautama. O que isto significa é que devemos elaborar a frustração e o sofrimento que chegam até nós, pois, quando os ocultamos, disfarçamos ou fugimos dos seus significados, perdemos grandes oportunidades de conhecer mais e melhor a verdade do Ser.

Assim sendo, somente nos situando além dos princípios do prazer e do dever podemos estudar cientificamente os símbolos e as funções estruturantes e aprender o que eles realmente trazem para o desenvolvimento psicológico. Uma coisa, porém, me parece evidente. Até hoje não constatei nenhuma função psíquica e nenhuma vivência que sejam desprovidas de significado. Nosso sistema nervoso não tem cem bilhões de neurônios à toa. Podemos não prestar atenção no que fazemos e no que nos acontece, mas nossa memória consciente e inconsciente vai registrando significados que contribuirão para sermos o que somos e o que seremos.

Mais extraordinário ainda é que as funções estruturantes não apenas são as forças que veiculam os símbolos estruturantes, como também as ferramentas que os dissecam e permitem extrair os seus significados para o aprendizado da vida. Esse processo chama-se **elaboração simbólica**, e é o centro de toda a atividade psicológica. Quando a pessoa não reflete e elabora suas vivências, ela desperdiça a vida e pára de crescer. O estudo de cada função estruturante, por mais estranha, desprezada, indesejável, desconsiderada e até

mesmo vergonhosa e destrutiva que seja ou tenha sido, é um livro da biblioteca do conhecimento do que realmente somos. Neste estudo, é preciso, antes de mais nada, resistirmos às aparências, aos preconceitos e, sobretudo, às definições dos dicionários das funções estruturantes, pois estas geralmente contém a mágoa e a vingança dos que com elas sofreram ou a benevolência e a gratidão dos que com elas se deleitaram. Ambos os lados tendem a distorcer o seu conhecimento. Primeiro, é preciso percebermos as funções estruturantes na ação, na imaginação, nos sintomas, nos sonhos, na alegria e no sofrimento, para depois abstrairmos do plano vivencial e tentarmos compreendê-las, de maneira abrangente, no processo existencial.

Considero as funções estruturantes arquetípicas, pois elas existem em todo e qualquer ser humano, independentemente de sua etnia, cultura ou religião e, por isso, as situamos junto com os símbolos estruturantes, que são as imagens arquetípicas e os complexos descritos por Jung. No entanto, para sabermos se uma função estruturante está operando e estruturando a Consciência de forma normal, ou se está atuando de maneira negativa para o desenvolvimento, necessitamos dos conceitos de fixação e de defesa descobertos por Freud. Temos, assim, um referencial para fugir dos preconceitos tradicionais e moralistas, mas ao mesmo tempo permanecer dentro da ética e separar o normal do destrutivo. Desta maneira, vemos que **todas** as funções estruturantes podem contribuir ou não para aumentar a Consciência, baseando-nos não no que achamos delas *a priori*, e sim no seu efeito na Consciência Individual e Coletiva.

O referencial normal-defensivo para as funções estruturantes justifica a importância capital, inclusive ética, da elaboração simbólica. É que, se uma função estruturante se torna fixada e defensiva ao elaborar um símbolo, ela passa a operar como sintoma na Sombra e a gerar o Mal, a inadequação existencial e a neurose no funcionamento da personalidade. Em termos religiosos cristãos, o pecado, quando considerado o distanciamento de Deus, corresponde à fixação de um símbolo ou de uma função estruturante, que aliena o Ego e o impede de operar em consonância com a criatividade global do Self.

A função estruturante da agressividade, por exemplo, é ativada diante de qualquer frustração e tem a finalidade de levar a Consciência a dizer “não” para determinada situação. Assim, a função estruturante da afetividade conduz a Consciência para concordar e a agressividade, para discordar. Ambas podem operar de maneira criativa ou defensiva. Ter

afeto e concordar com uma pessoa que está fazendo algo de produtivo é, por exemplo, algo consoante com o funcionamento normal da Consciência. No entanto, ser afetivo e concordar com algo corrupto e mal feito é uma forma defensiva e inadequada para o funcionamento da função estruturante afetiva. Da mesma forma, dizer não para uma situação saudável ou usar um meio inadequado de protesto pode ser muito defensivo e errado, mas usar a agressividade para discordar de maneira contextualizada pode significar dignidade, coragem e ser muito louvável.

Vejam, por exemplo, o recente episódio da transposição do Rio São Francisco. O Governo Federal, em meio a uma grande crise de corrupção e omissão, estava conduzindo o projeto de roldão, desconsiderando o parecer contrário de inúmeras entidades representativas da sociedade que se sentiam cada vez mais impotentes. De repente, qual um raio, ocorreu a greve de fome do bispo D. Luís Flávio Cappio, decidido a ir até a morte caso o Governo não suspendesse a decisão de iniciar as obras e rediscutir o projeto. Dificilmente poderíamos imaginar uma atitude de discordância mais radical e agressiva, tendo em vista que sua ameaça suicida contraria até mesmo a Teologia da sua própria Igreja. No entanto, a eficácia dessa agressividade mostrou ser ela intensamente saudável e produtiva, face à adesão maciça da sociedade civil e o recuo, depois de 11 dias, do Governo, o que nos fez lembrar Gandhi na sua oposição revolucionária sem violência (*ahimsa*), cuja agressividade, a um só tempo passiva e contundente, derrotou o Império Britânico e libertou a Índia.

Proponho neste artigo a percepção da inveja também como função estruturante normal e criativa ou fixada e destrutiva. Para isso, temos que, primeiro, ultrapassar os preconceitos históricos que estigmatizaram a inveja como pecaminosa e destrutiva para depois, poder compreendê-la na sua função estruturante transformadora da Consciência. É que, se nos deixarmos dominar pelo preconceito e considerarmos a inveja exclusivamente negativa a ponto de sua simples vivência ser proibida pelos Dez Mandamentos, ou ser incluída dentre os sete pecados capitais e, até mesmo, ser descrita como expressão do instinto de morte, como o foi por Melanie Klein, não temos a menor possibilidade de estudar sua capacidade de aumentar a extensão e a profundidade da Consciência e do conhecimento.

A função estruturante da inveja é a de desejar as coisas alheias. Por esta razão, a inveja é altamente desestabilizadora das dimensões econômica, política, jurídica e social. No sistema familiar, a cobiça da mulher do próximo é uma ameaça central à manutenção da família, a unidade básica da sociedade. Essa descrição resumida da inveja é suficiente para nos mostrar porque ela tem sido temida e execrada através dos tempos. Mas, se resistirmos ao seu repúdio imediato devido ao medo de suas conseqüências, perceberemos que esse medo decorre também da sua imensa capacidade transformadora da vida individual e cultural. Por isso, em meu livro *Inveja Criativa*, coloquei o subtítulo *O Resgate de uma Força Transformadora da Civilização*.

A projeção é a função estruturante que torna nosso inconsciente consciente através do Outro, e a introjeção é a função estruturante que complementa a projeção e estrutura o Ego com o significado projetado. Ora, se a inveja projeta o desejo naquilo que o Outro possui, ela é sem dúvida uma função importantíssima para conscientizarmos nosso inconsciente através do desejo. Considerando que o desejo é a mola propulsora do principal dos arquétipos, o Arquétipo Central do Self, que rege todo o processo de individuação da personalidade, ao torná-lo consciente através da percepção, a inveja adquire uma função extraordinariamente importante de ampliação da Consciência.

Esse poder criativo e transformador da inveja é inerente a todo o desenvolvimento individual e à ambição de ascensão social. Na democracia ele é fartamente empregado nos discursos políticos que denunciam a desigualdade social e propõem a melhor distribuição de renda.

No entanto, é preciso admitir que não é apenas por seu poder transformador que a inveja é temida, porque sua capacidade destrutiva é também muito acentuada. Pelo fato de serem arquetípicas, isto é, presentes junto com a formação genética, as funções estruturantes são igualmente pujantes na normalidade e na patologia, pois sua força está em sua natureza. Desta maneira, quando fixada e defensiva, a inveja torna negativa e destrutiva a sua criatividade. Ao invés de fortalecer e ampliar, ela restringe a Consciência e passa a atuar no crescimento da Sombra.

A inveja criativa deseja coisas que pertencem a outros e se dedica intensamente à criatividade e ao trabalho para consegui-los. Torna-se, assim, uma fonte riquíssima de estímulo ao desenvolvimento do caráter e do trabalho individual e coletivo. Quando tornada

fixada e defensiva, porém, ela passa a atacar os outros que têm o que ela deseja. Nesse caso, a inveja se torna uma fonte inesgotável de maldades, que também muito contribuíram para ela ser temida e famigerada. No discurso dos políticos demagógicos, a inveja se transforma numa mina de ouro para conseguir votos. A técnica consiste em incentivar a inveja no eleitorado e, a seguir, vinculá-la ao ódio de quem possui os artigos invejados para depois prometer esses artigos após a eleição. Como essa inveja é fabricada e defensivamente manipulada, o estelionato eleitoral é inevitável.

É no livre comércio da globalização que tanto a inveja saudável quanto a defensiva e anormal estão sendo usadas de forma avassaladora na propaganda e no *marketing*, sendo, por isso, uma das principais funções estruturantes da cultura de consumo que domina o Planeta na modernidade. A inveja criativa está maciçamente presente na propaganda que apresenta, por exemplo, uma pessoa famosa e bonita, recomendando a conduta e o consumo de produtos saudáveis. No entanto, o que mais se vê é a indução, por astros famosos, ao consumo pelo consumo, freqüentemente supérfluo e luxuoso, que seduz as pessoas para comprar compulsivamente. Esta técnica, que emprega a inveja demagógica e defensiva, começa com a oferta de guloseimas para as crianças, através de bonecos de desenhos animados, que comem o que se quer vender, e permeia todo o universo adulto com ídolos populares que usam produtos os mais diversos para despertar a inveja e aumentar o consumo. Seu grau extremo está na indução ao vício dos anúncios sabidamente danosos, como o fumo e o álcool, consumidos por grupos sociais ou pessoas famosas, acompanhados pelo aviso do Ministério da Saúde que esses produtos fazem mal à saúde...

É, no entanto, no extraordinário aumento da violência e do crime que nós vamos encontrar a principal conseqüência da manipulação da inveja na cultura de consumo. O crescimento incrível da intercomunicação planetária e o uso da inveja para incrementar o consumo desencadeou um aumento mágico do comércio. O que se tem é sempre pouco e o que os personagens famosos têm é o que mais devemos desejar. Exercida à exaustão, essa influência acaba condicionando até os mais resistentes. A conseqüência é o descrédito de valores como a honra, a dignidade, a tradição, a reputação, o trabalho, a honestidade, a consideração, a educação, a ética, a gentileza, a dedicação, a compaixão e tantos outros, substituídos pela aparência, pelo luxo, pelo *status* e pelo supérfluo, contanto que seja novo, cuja conquista consagra os espertos e os oportunistas. Nesse quadro, como é que os pais

vão educar os filhos e convencê-los da importância dos valores humanistas, ao invés do ganho fácil pela corrupção e pelo crime?

Condenar a inveja de antemão é bani-la para a Sombra, onde atuará de modo imprevisível. Reconhecer o papel das funções estruturantes na formação da Consciência e a capacidade criativa da inveja é a melhor maneira de empregá-la produtivamente dentro da função ética e evitar sua destrutividade.